

Breve comentário

Renata Bolzan N. Falivene

Árdua a leitura do seminário RSI, de 1975, durante o qual Lacan faz inúmeras alusões a tudo o que foi dito ao longo de já muitos anos. Estou convencida porém, de que o percurso de estudo da psicanálise, quando é feito pelo desejo de escutar, segue uma lógica outra que a cronológica, ou a da construção do saber que se passa por etapas. Ao modo da análise, o estudo aqui se orienta por construções organizadas à revelia da consciência: é o Inconsciente, mais uma vez, que dá o tom. De modo que faço minhas leituras sabendo-as jamais definitivas, como o Inconsciente jamais se apresenta de modo derradeiro. Isso redimensiona o estudo, dando-lhe este caráter de incompletude que a um tempo mantém vivo o desejo de continuar e me concilia com os limites da minha compreensão.

No ponto em que me encontro - ou naquilo que posso saber, do ponto em que me encontro, nosso trabalho conjunto nas reuniões das sextas feiras, sobre as leituras propostas, têm tido o efeito de disparar estas reflexões, das quais tenho me ocupado neste momento, e cujo encaminhamento se determina também pelo que sou capaz de escutar. 1. A análise reduz o sentido Imaginário suposto em toda fala.

Se a escuta analítica é o que, da fala, encontra o que ela apresenta de verdade subjetiva, o analista ocupa a posição de ali reconhecer as sustentações imaginárias, fazendo saber o sujeito que fala, do engodo de suas certezas. A primeira notícia que tive de Lacan, ainda estudante de Psicologia, foi alguma coisa ao mesmo tempo vaga e marcante: diz-se que para Lacan quanto mais certezas tem o sujeito, mais neurótico ele é. Interessante essa apreensão pinçada de uma fala qualquer, mas a própria manifestação de como cada sujeito sabe, sem saber, dos desvios de seu desejo - que, do desejo, não é possível assegurar-se quando se considera a experiência do Inconsciente: o desejo é multifacetado, sempre nos escapa alguma coisa dele. Assim, a idéia de que à incerteza correspondesse alguma verdade me capturou muito antes que eu pudesse formulá-la.

Trabalhar na direção de encontrar, na fala do paciente, o sentido que lhe escapa - lá onde Simbólico e Imaginário se encontram - e que no entanto, organizado em linguagem, o determina sem que ele suspeite: escutá-lo onde ele jamais se escutou. Escutar o Inconsciente, essas articulações de linguagem possíveis, encadeadas historicamente, loucas porque sem lógica aparente, mas absolutamente estruturantes. Oferecer acolhida a isso que não é certo, nem seguro, nem organizado, mas, ao contrário, fere as certezas e as ilusões de segurança. Escutar o modo como as palavras se sobrepuseram construindo sentidos e, a partir dessa escuta, intervir a fim de possibilitar ao sujeito trabalhar a massa de palavras que o constitui. Se os sentidos construídos podem ser causa de sofrimento, o sujeito não se dá conta, sozinho, de que tantas vezes é esta construção o que o faz sofrer. É preciso quem o escute; é preciso quem encontre a fala plena, quem não a desperdice. No plano das construções, é um ofício de artesãos este trabalho com as palavras realizado entre analista e analisando. 2. O Real faz sofrer: outro campo de sofrimentos.

Será possível compreender o alcance disso? Penso: o Inconsciente é Real, para o sujeito. Ao mesmo tempo, o Inconsciente, concebido como rede de linguagem, é potencialmente mutante. Mole ou duro, aqui ou ali, carrega esta possibilidade de mudança... até onde? O quê, dos limites de cada análise, se deve ao que em cada sujeito é inalisável e quando é que a análise se detém pela limitação da escuta? Não encontro garantias aqui, me parece necessário contentar-me com parâmetros apenas suficientes para permitir manter-me em certa direção -

manter-me em escuta. Quer dizer, a interlocução possível, sempre que seja necessário, com quem possa, ao me escutar, me auxiliar no esforço de encontrar o que não ouvi. A atenção para-sempre às manifestações do próprio Inconsciente. Isso para tentar sempre, sem a pretensão de conseguir sempre, limpar a escuta. Se posso ser clara dessa forma: limpá-la de mim mesma.

Mas a idéia do Real que faz sofrer também supõe esse outro campo de sofrimentos, além daquele determinado pelas construções de sentido. Há o que permanece fora do alcance da simbolização possível ao sujeito. Causa de sofrimento incrementada pela impossibilidade de articulação simbólica, é no Real que o sujeito vive a morte, o sexo, talvez algo do amor. E, me parece, é à mercê da morte, do sexo, do amor, que ele se vê, desamparado por ser humano, toda vez que lhe faltam palavras com que significar/circunscrever o que experimenta.

Em análise: que mais fazer neste momento senão escutá-lo? Que mais, além de manter-se presente e sustentar essa escuta singular que permite ao sujeito falar o que puder falar? Que mais senão submeter-se com ele ao inefável aonde ele certamente chegará pela via da livre associação? Que mais senão acatar este impossível de ser contornado: há um ponto em que não há palavras. E, mais radicalmente que isso: jamais há palavras suficientes, por mais que haja palavras. Uma experiência de castração, se a chamamos assim, demasiado angustiante. Daí a necessidade de que o analista nesse momento, sustente o paradoxo de acompanhar o sujeito no seu silêncio, sabendo porém da sua inevitável solidão. Escutar o silêncio também é escutar.

3. Saber do desejo

É o trabalho de escuta das articulações simbólicas possíveis, bem como das lacunas de sentido, o que permite ao analisando tornar-se sujeito do seu desejo. Entenda-se o tornar-se de que se trata aqui como movimento, processo inesgotável. Em análise, a experiência de castração vivida na transferência oferece ao sujeito a possibilidade de confrontar-se com o desejo próprio. Porque o analista não opina, porque não sugere, porque permanece em sua posição de ser suposto saber, mas não deter saber algum, o analisando se vê cara a cara com o seu desejo, interrogado por ele: que fazer, uma vez que se des-cobre uma faceta do desejo? Uma vez que o desejo é reconhecido como próprio, uma vez que desmoronam as certezas imaginárias que protegem o sujeito de ter que se haver com seu desejo, ele se encontra em situação de assumir ou não a posição de ser o sujeito a trabalhar esse desejo. Sempre me parece que os chavões lacanianos contribuem muito para o desentendimento de Lacan.

Quando se diz: não abrir mão do desejo, corre-se o risco de sugerir uma facilidade enganosa. Saber do desejo não implica em realizá-lo. Longe e contrariamente a isso, a psicanálise mostra o impossível da realização do desejo como sendo o que é próprio do desejo. Inaugurado por um objeto mítico, o desejo é busca que não se encerra. Mas precisamente por seu caráter de sem-fim, de renovação e reapresentação, o desejo oferece ao sujeito humano uma posição de escolha. Dessa escolha o sujeito freqüentemente nada sabe, e a experiência do Inconsciente vivida na análise é o que pode lhe dar notícias dessa possibilidade, sua abertura e seus limites. Assumir o desejo como seu significa que uma vez que tenha notícias do desejo enquanto próprio, o sujeito responda por ele, caminhando em direção a sua satisfação, sempre incompleta, ou renunciando mesmo a esse tanto. É disso que o sujeito pode enfim não abrir mão, essa a mínima escolha que ele passa a ter, uma vez que se abram as vias de acesso a tal saber.

4. Do nó

O nó...os nós... Não muito sobre isso, exceto esta observação esclarecedora e libertadora: melhor ser um pouco ingênuo nisso ! Afinal, o que nos guie seja mesmo a escuta e não as metáforas gráficas de Lacan. Que procuro evitar a armadilha de atribuir demasiada importância

ao deciframento do texto lacaniano - e mais ainda das fórmulas. É certo que têm efeitos a posteriori - disso o autor mesmo alertou seus contemporâneos. O que me interessa são os efeitos para a escuta analítica. Mais determinante foi a leitura suplementar do esquema R, para exposição logo no início do seminário. Pensar o estabelecimento dos registros R, S, I, na sua relação com a história do Édipo me foi de grande valia. A relação entre a incidência da instância simbólica e a entrada em cena do pai, e o aprisionamento que se pode presumir disso, quando a estreita relação entre mãe e criança, definida pelo molde imaginário da fantasia de suplência à falta, espreme o pai simbólico em prejuízo do registro S.

A esse respeito, Lacan não se cansa de insistir sobre o modo como é através da mãe que a palavra do pai passa a valer, do caso que a mãe faz da palavra do pai. Isso é clinicamente observável. Eu me interrogo sobre se não precisamos, nos dias de hoje, pensar os efeitos do pouco caso que um pai faça de ter uma palavra que faça diferença. Mães superpresentes e pais omissos, tratam-se de casais, e não nos esqueçamos de serem as neuroses tantas vezes determinantes para as escolhas amorosas. Faz diferença, para a criança, se ela tem pai e mãe acomodados nessa configuração em que a mãe se faz demais e o pai se faz de menos, ou se o pai faz questão de que a mãe leve em conta sua palavra. (Não é este um fator de distinção estrutural na história do neurótico e do perverso?)

5. Do amor

O amor é do campo inefável, mas continuamos tentando. E já é lugar comum dizer que são os poetas, não os psicanalistas os que podem tentar falar do amor. Lacan tenta, nós tentamos também. Ele parece encantado com o amor, fascinado pela mulher no que ela tem de mistério para ele, e nos momentos em que é mais feliz no seu intento, se aproxima mesmo mais da poesia que da teoria. Dizer, por exemplo: Acredita-se no que ela diz. É o que se chama amor. : é impossível de explicar, mas perfeitamente verdadeiro para aquele que ama. Verdadeiro e incompreensível. Sempre que a psicanálise se aproxima do que depende do objeto a, lhe é impossível circunscrever o que quer que seja. E a teoria psicanalítica prevê isso, havemos de nos conciliar com o mistério aqui. O objeto a é mesmo sem tradução. Ele simplesmente é. Mais precisamente, ele é o que foi, uma vez que está "perdido para sempre", embora permaneça até o último momento, impulsionando o desejo desde o seu lugar indeterminável, na forma mesma do espectro. Há quem afirme que o objeto transicional de Winnicott corresponda ao objeto a de Lacan. Mas isso não é possível, o objeto transicional tem uma materialidade definível e uma função outra.

Mas o amor, a mulher... A provocação de dizer que "A mulher não existe", e não existe mesmo: impossível de definir, pela condição de estar fora da lei que determinaria estarem todas submetidas à função fálica. Outro modo de castração, mais ligado às contingências que à identidade. Múltipla no gozo, múltipla no sofrimento, múltipla nas incontáveis possibilidades de destino, cada mulher é um mistério para ela mesma. Que é ser uma mulher? Não havendo fórmula possível, universalidade possível, cada mulher tem que inventar suas respostas. Inventar, criar as suas, não existe a resposta certa. Será preciso descobrir um caminho. Tão difícil isso... Assumir a inscrição da diferença no corpo, inserida na própria história e na história do mundo, um processo para a vida toda. Quem a ajuda? Uma mulher a ajuda, é certo. É preciso ver uma mulher, começar por imitá-la antes de chegar à distância de poder se inventar. A mãe, uma professora, tia, as amigas... A histeria, como a infância, é farta para encontrar modelos para o ser e para o não ser.

Mas é preciso certamente, absolutamente, um homem. É porque um homem lhe diz: você é uma, que uma mulher pode se saber outra, para além de todas as identificações. É porque ele

vê nela qualquer coisa sem palavras, que ela pode se saber única entre todas. E é assim orientada pelo masculino na figura deste homem, que ela chega a descobrir na diferença dos seus corpos algo do que ela pode ser. Neste campo aberto apenas pela relação amorosa, não se tratam das identificações feitas pelo empréstimo imaginário nem tampouco por aquilo que, da diferença dos sexos permite a uma menininha saber-se pertencente ao grupo das mulheres e excluída do grupo dos homens. Tudo isso está suposto, mas é o atravessamento possível junto a este homem, por este tu és simbólico que faz sentido do que, na sua ausência, seria puro reconhecimento imaginário. Trata-se do que uma mulher adulta pode inventar ou descobrir de si mesma no encontro com um homem. Da possibilidade de, nesse encontro, ela experimentar qualquer coisa subjetiva, possivelmente inominável porque própria dos campos do amor, do sexo, da morte, mas qualquer coisa fecunda, que engendra sentidos, institui novos caminhos de significação, qualquer coisa viva.

6. Por enquanto.

Escrevo aos colegas, para manter viva a interlocução. Assim, este por enquanto, no lugar de uma conclusão. Porque não há uma, sendo bem a possibilidade de compartilhar as palavras o que me interessa, enquanto valha a pena, na medida em que nos sirva para aprimorar a escuta. De modo que faço deste texto meu convite à escrita. Campinas, 31 de julho de 2003